O MENINO E O RIO

Havia um menino que todos os dias caminhava até a margem de um rio.

Não ia para pescar, nem para nadar. Sentava-se sobre uma pedra lisa, tirava os sapatos e permanecia ali, por longos minutos, observando a água passar.

O menino tinha uma pergunta que não conseguia responder:

— *Para onde você vai?*

O rio, como todo rio, não lhe dizia nada. Apenas seguia.

Na manhã seguinte, o menino voltou.

— *Você nunca se cansa de ir embora?*

A água tocou as pedras, contornou os galhos caídos e prosseguiu.

O menino achou que o rio era indiferente.

Passaram-se dias, meses, estações.

Certa tarde, depois de uma grande tristeza, ele voltou àquela margem. Sentou-se na mesma pedra e, pela primeira vez, não fez pergunta alguma.

Ficou em silêncio.

Foi então que percebeu algo que nunca havia notado.

O rio não era o mesmo.

A água que passara diante dele na véspera já não estava ali. As folhas eram outras. As margens haviam mudado discretamente. Algumas pedras antes escondidas agora apareciam, enquanto outras tinham desaparecido sob a correnteza.

Mesmo assim, continuava sendo o mesmo rio.

O menino se inclinou para a água e viu o próprio rosto refletido.

Também ele havia mudado.

Já não tinha os mesmos olhos de quando fizera sua primeira pergunta. Crescera. Perdera coisas. Encontrara outras. Algumas pessoas tinham chegado. Outras haviam partido. Certas dores já não doíam como antes, embora ele tivesse jurado um dia que jamais passariam.

Então perguntou:

— *Rio, como você consegue perder tanta água e continuar sendo você?*

Desta vez, talvez porque estivesse preparado para ouvir, pareceu-lhe que a correnteza respondeu:

— *Porque eu não sou aquilo que passa por mim. Sou o caminho que continuo fazendo.*

O menino ficou imóvel.

O rio seguiu:

— Se eu tentasse guardar cada gota, deixaria de ser rio. Tornar-me-ia um lago parado, preso ao medo de perder aquilo que inevitavelmente precisa seguir.

O menino abaixou os olhos.

Pensou nas pessoas que tentara reter, nos momentos que quisera repetir, nas palavras que desejava nunca ter ouvido e nos dias aos quais gostaria de retornar.

— Então tudo precisa ir embora? — perguntou.

E o rio respondeu:

— Não. Algumas coisas não vão embora. Apenas deixam de permanecer da maneira como você conheceu.

O menino não compreendeu.

O rio explicou:

— A chuva que caiu sobre as montanhas tornou-se correnteza. A correnteza encontrará o mar. O mar tornará a ser nuvem. A nuvem novamente será chuva. Nada permanece igual, mas nem tudo se perde.

O menino sentiu os olhos se encherem.

— E as pessoas?

A correnteza pareceu diminuir diante da pergunta.

— Algumas serão margem. Caminharão ao seu lado durante muito tempo. Outras serão pontes e permitirão que você atravesse momentos difíceis. Algumas serão pedras: machucarão seus pés, mas ensinarão onde pisar. Haverá ainda aquelas que serão como águas rápidas: chegarão intensamente e desaparecerão antes que você consiga compreender por quê.

— E como saber quem ficará?

O rio respondeu:

— Você não saberá.

O menino estranhou.

— Então como posso viver sem medo?

— Aprendendo que amar não é garantir permanência.

O silêncio tomou conta da margem.

O menino compreendeu que havia passado muito tempo confundindo amor com posse, amizade com obrigação, presença com promessa e despedida com abandono.

O rio continuava diante dele, oferecendo sua lição sem jamais interromper o próprio caminho.

— Existe alguma coisa que realmente permanece? — perguntou o menino.

A água tocou seus pés.

— Aquilo que você se torna depois de cada encontro.

Naquele instante, o menino percebeu que carregava dentro de si pedaços de muitas pessoas. Um gesto aprendido com a mãe. Uma frase repetida pelo avô. Uma coragem que recebera de um amigo. Uma cicatriz deixada por alguém que o ferira. Uma ternura ensinada por alguém que já não estava ali.

Nenhuma dessas pessoas estava completamente presente.

Nenhuma delas havia desaparecido completamente.

Quando se levantou para ir embora, o menino olhou novamente para o rio.

— Amanhã você ainda estará aqui?

O rio pareceu sorrir através das pequenas ondas.

— Estarei.

— O mesmo?

— Nunca.

O menino também sorriu.

E partiu compreendendo, finalmente, aquilo que o rio tentara lhe ensinar desde o primeiro dia:

a vida não exige que permaneçamos iguais para continuarmos sendo nós mesmos.

Há coisas que precisam partir para que outras possam chegar.

Há dores que precisam atravessar nosso coração sem fazer dele morada.

Há pessoas que pertencem ao caminho, mas não necessariamente ao destino.

E há momentos em que nossa maior demonstração de sabedoria não está em segurar o que amamos, mas em agradecer enquanto permanece e saber deixar seguir quando chega a hora.

Porque o rio que se recusa a correr apodrece.

E o coração que se recusa a aceitar a passagem da vida transforma lembrança em prisão.

Viver é aprender a seguir sem negar o que ficou para trás. Não somos feitos apenas daquilo que conseguimos conservar, mas também daquilo que tivemos coragem de deixar partir.

Renato Gonçalves da Silva

Texto autoral — Direitos Autorais Reservados.